

SONS SEM DESGASTE



POR: VITOR PEREIRA

- **GAYNGS**
- **RELAYED**
- **JAGKJAGUWAR**



- Gosto particularmente de ouvir o meu programa de rádio no carro que como biliões de melómanos sabem se chama “O Canto e o Gelo”, é lançado ao éter na frequência de 91.8 Mhz, o número com casa decimal atribuído ao RCP, às sextas feiras das vinte e três às vinte e quatro horas, sendo recarregado na terça feira seguinte, no mesmo timing.

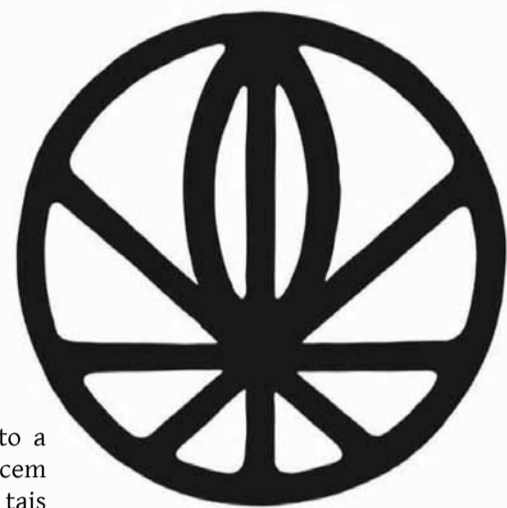
Geralmente gravo o programa num cd regravável e vou absorvendo todos os pormenores com o mais simples intuito de burilar todos os detalhes para atingir todos os limiares mais perto da perfeição (sendo isso quase impossível).

Quando por vezes em conversas informais, girando à volta do tema música, alguns meliantes me transmitem a informação de que as suas bandas favoritas oscilam entre os Rolling Stones, U2, Pink Floyd e Doors, mais vontade me dá de engendrar alinhamentos como o programa nº407, formado por bandas e autores como Dead Western, Atlantic Line, Babybird, Hanne Hukkelberg, Calexico, Cher-

ry Ghost, Owen Pallett e Local Natives, verdadeiros incitadores de minúsculas multidões, mas que conseguem passar “a mensagem” com uma pericia transcendente e ainda nos poêm petrificados a questionar: É pá, quem são estes gajos??? Também fico satisfeito por colorirem os Fanfarlo como os novos Arcade Fire, noticia talvez já adiantada há muito, quando foi analisado o glorioso LP Reservoir, por aqui nestas bandas...

- A família musical Gayngs é constituída por vinte e cinco elementos, sendo a ideologia inicial construir um CD unicamente inspirado no conceito instituído pelo tema I’m Not In Love, dos 10 cc, pertencente ao álbum The Original Soundtrack, uma melosa canção cujo principal intuito seria conquistar corações desprevenidos e abandonados.

A iniciativa primária do mentor do projeto, Ryan Olson foi convidar dois constituintes da banda Solid Gold (Zack Coulter e Adam Hulburt) para colaborarem nessa iniciativa.



O ingresso foi depois também aberto a ideologias de criaturas que pertencem a outras bandas norte-americanas tais como Leisure Birds, Bon Iver, Megafaun e Rosebuds.

O resultado final foi editado em CD e em duplo LP, tem onze partituras de relevo que talvez possam ser definidas como uma mistura dos Gong com os Zero 7, que pedem relaxadamente para serem ouvidas sem o mínimo de interferência.

Passividades memoráveis, andamentos

impecáveis e penetrantes podem ser descobertos sem esforço em Cry, The Gaudy Side Of Time, No Sweat e Crystal Rope, melodias onde pedaços de jazz convivem em harmonia nos meandros do soul. Simples, mas delicioso...

A PÁGINAS TANTAS

LIVRO:

Discothèque

AUTOR:

Félix Romeo

EDITORA:

Minotauro

PREÇO:

18 euros



POR: TITO COUTO // Jornalista

Um dos grandes trabalhos dos sucessivos governos espanhóis é a aposta na divulgação da sua cultura. O trabalho desempenhado pelo Instituto Cervantes é determinante no posicionamento dos criadores espanhóis em todo o mundo.

Daí que não seja de estranhar que o governo espanhol tenha decidido apoiar a edição de algumas das obras da novíssima chancela da Almedina, a Minotauro. Criada para divulgar a literatura espanhola contemporânea, a Minotauro diferencia-se também pela qualidade da sua proposta gráfica. O carácter inovador da coleção da Minotauro já lhe valeu um Silver Award dos Prémios Europeus de Design e um outro da mais antiga associação de profissionais de design, sediada em Nova Iorque, o Aiga 50 Books/50 Covers Outstanding Books and Book Covers Designed in 2009.

Os cerca de 10 títulos publicados até ao momento mostram a diversidade e pujança da literatura espanhola.

Do muito político “O Pai da Branca de Neve”, de Belén Gopegui, a um mais terno

“Bingo”, de Esther Tusquets, há propostas para todos os estilos e temas.

Um dos títulos publicados mais recentemente é um perturbador “Discothèque”, de Félix Romeo.

Trata-se de uma viagem ao mundo das franjas sociais ao volante de uma comédia negra.

Tudo parte de um homem que recorda episódios trágicos de uma guerra travada pelo exército espanhol num abafado protetorado em Marrocos.

Torosantos pai, é um homem profundamente marcado por essa experiência tentando fazer a sua catarse numa mesa de jogo.

Escusado será dizer que nela perde tudo, até mesmo a vida do seu filho, um artista, que acompanhado por Dalila Love, protagoniza shows de sexo ao vivo.

A partir da apresentação desta dupla extravagante, a narrativa começa a ganhar velocidade e torna-se mais dominadora do leitor.

Na garupa da mota de Romeo, vamos pas-

sando por personagens dos quais guardamos os traços mais grossos e extravagantes. Um comediante sem graça, um empresário do meio pornográfico ou a mulher que esteve prestes a ser uma estrala de cinema e acabou em gente de pensão.

Há neste romance muitos pontos de contacto com a realidade portuguesa, aliás Portugal é chamado à trama muitas vezes e de diversa forma. Todos os personagens extravagantes deste “Discothèque” bem que podiam viver por aqui, podiam ter estado na guerra na Guiné, podiam frequentar bares de alterne em Amarante e pensões manhosas nos Anjos ou no Conde Redondo.

Este é um romance com tudo o que é necessário para se tornar muito nosso. Tal como nos apropriamos de determinadas bandas pop/rock estrangeiras porque trazem consigo uma certa melancolia muito nossa (Tindersticks ou The National), também este romance pode e deve por nós ser adoptado.

Termino com uma referência à edição dos

LIVRO:

Papéis Inesperados

AUTOR:

Julio Cortázar

EDITORA:

Cavalo de Ferro

PREÇO:

19,71 euros



textos inéditos do argentino Julio Cortázar, “Papéis Inesperados”, da Cavalo de Ferro. Este imponente volume revela poemas, crónicas, pequenas histórias ou memórias de amigos. “No amor qualquer monólogo se nega a si próprio, por razões paralelas a todo o diálogo é de alguma maneira um monólogo noutra dimensão do ser; no amor, falar é criar espelhos, entrar nesse jogo de facetas biliosas que devolvem imagens vindas de um torvelhinho de cinzas e falenas”, é assim que arranca uma espécie de prefácio a um livro de Maurício Wacquez, mas também podia ser o retrato deste volume. Um enorme monólogo que se apresenta como jogo de espelhos, que se alimenta das cinzas de romances e que dá a conhecer pormenores da vida e da obra de um autor que bebeu em mestres como Edgar Allan Poe, também ele muito presente nos ambientes de Félix Romeo.

Se ainda não conhece Cortázar, urge que procure “A volta ao dia em 80 mundos” ou então o fabuloso “Rayuela”.